

"AS EMOÇÕES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E A ATUAÇÃO DOCENTE"

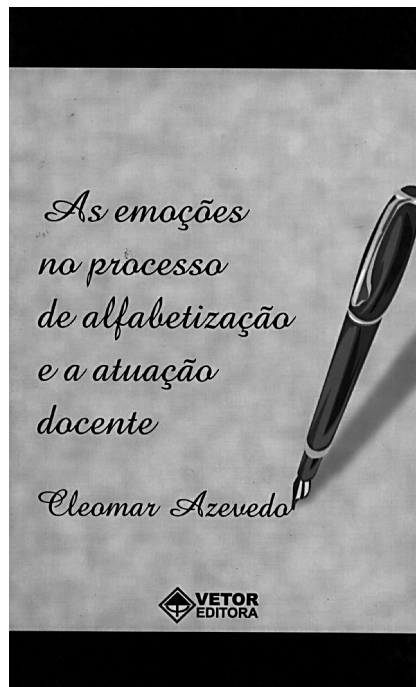
Autora: Cleomar Azevedo, São Paulo, Vetor Editora, 2003

Resenha: Maria Deosdédite Giarreta

Uma das características da sociedade pós-modernista é a vertiginosa rapidez com que os fatos acontecem, se sucedem e se renovam, sem tempo de o homem fixar as formas, as essências, o sentido de cada instante ou de cada fase da existência. Contrapondo-se a essa conjuntura de superficialidades contemporâneas, vem à lume o trabalho de Cleomar Azevedo, uma educadora perspicaz e serena, que não teve pressa de compor sua história de vida pessoal e profissional, neste movediço universo da Educação.

Pressentindo, talvez, que o seu lugar no mundo era a Escola, e que a Educação é um fenômeno processual, desvelado pouco a pouco, Cleomar constrói assim sua carreira: começa tal qual deveria ser todo o começo de Magistério, isto é, como professora alfabetizadora de uma segunda série do antigo Curso Primário, hoje, Ensino Fundamental. Em seguida, envereda por outras séries do mesmo curso para certificar-se

Maria Deosdédite Giarreta - Licenciada em Letras Neolatinas pela FFLCH- "SEDES SAPIENTAE da PUC" Licenciada em Pedagogia pela UNG - Especialista em Comunicação Social pela Cásper Libero - Mestre em Filologia e Língua pela USP - Professora de Português do UNIFIEO. e-mail: detegiaetta@terra.com.br



do que, de antemão, já sabia, ou seja, que para a alfabetização não se pode definir um tempo preciso e estanque, nem tão pouco traçar limites rígidos espaciais e temporais.

Mais tarde, já licenciada em Pedagogia, continua professora educadora, agora atuando paralelamente nos, já extintos, Ensino de Primeiro e de Segundo Grau e no Curso de Magistério, que também, no atual panorama educacional, já se extingue. Nem por isso, no entanto, deixou de ser alfabetizadora, mesmo porque o assunto voltado à alfabetização sempre a instigara. Por esse motivo, Cleomar

empenhou-se, então, à pesquisa da prática da alfabetização e de tudo o mais que essa prática envolve, para o desenvolvimento humano, ou seja, o saber necessário, o desempenho neuro-psico-fisiológico, a visão de mundo, as expectativas, as ansiedades, os medos, os desejos, enfim, as expressividades emocionais e afetivas.

O ponto de partida para essa pesquisa foram, indiretamente, as próprias experiências vividas ao longo de sua carreira. Só mais tarde propôs-se a observar e a analisar sistematicamente o trabalho de professoras alfabetizadoras, para cuja compreensão, a pesquisadora contou com as idéias e as teorias psicossociais de Vygotsky e de

Wallon, principalmente; depois com a epistemologia genética de Piaget, e, indiretamente, com as sociológicas de Karl Marx. O resultado está plenamente exposto em sua tese de Doutorado, que deu origem a essa obra intitulada "As emoções no processo de alfabetização e a atuação docente". Título, tema e assunto desenvolvem-se, intimamente relacionados e sintonizados na obra, para explicar, com base naqueles estudiosos, a dimensão do funcionamento psicológico do homem, que, no processo de construção da aprendizagem, quer seja da leitura e da escrita, quer seja de quaisquer outros saberes, postula as relações intra e interpessoais.

No entanto, a autora não se satisfaz com essa simples "obutchênie" de Vygotsky. Para ela, já não constitui nenhuma dúvida que é fundamental estudar as relações entre o Sujeito e o Objeto do conhecimento. Seu mergulho nessas relações vai muito mais fundo, na medida em que, no processo de aprendizagem, busca fundir o Objeto no Sujeito e vice-versa, para demonstrar a estreita relação que ocorre quando, na construção do conhecimento, interage um terceiro fator, que permite ser a soma das partes maior que o todo; a esse fator dá-se o nome de "emoção", "afeto", "sentimento", "expressividade psíquica ou anímica," seja ela consciente ou inconsciente. Na esteira de Vygotsky, a autora atém-se ao fato de que o pensamento pode transformar-se, de função primária e natural, à função especificamente humana. Agora o homem passa a ser o que ele pensa; logo, o homem é também o que ele lê e o que ele escreve. Nesta instância, pensamento e linguagem são indissociáveis, e, como a língua é um sistema de signos e antes de tudo uma entidade simbólica cultural e social, a pesquisadora entende, pois, que a cognição está estreitamente vinculada não só à alfabetização pura e simples, mas, principalmente, ao modo como o homem passa por esse processo, ao adquirir e consolidar seu comportamento simbólico. Pensando assim, Cleomar vai exatamente tanger aquele "lugar crucial", onde ocorre o fenômeno da intervenção dos sistemas

de signos para a constituição da subjetividade humana. Este lugar crucial desencadeia, por sua vez, um "tempo crucial", ou seja, um tempo em que se forma a consciência dos valores humanos sobre o qual se assenta a consciência de cidadania crítica e transformadora.

Ao revisitar as idéias de Piaget sobre a psicologia do desenvolvimento cognitivo, a autora não só comenta as variáveis críticas desse desenvolvimento (maturação, experiência, interação social e equilíbrio), como também sobre a certeza de que as emoções permeiam a passagem de um estágio para outro, muito embora a ênfase de Piaget aos conceitos cognitivos tenha sido muito mais aprofundada do que com relação aos afetivos. A teoria de Piaget demonstra que o conhecimento se desenvolve quando as crianças realizam assimilações e acomodações de experiências. Entre assimilação e acomodação há uma chave, que é o desequilíbrio, resultado da incongruência entre os esquemas do pensamento e os da experiência infantil. É nesse momento que a criança se desenvolve, porque tem de tomar decisões, as quais só se configuram em função do afeto e das emoções.

Diz, ainda, a autora que quando se pergunta "o que a criança sabe?", procura-se conhecer os seus esquemas e o tipo de raciocínio que ela é capaz de efetuar. No entanto, quando se pergunta "como é que essa criança adquiriu o conhecimento?", procuram-se informações sobre seus aspectos cognitivos e afetivos. Nesse ponto, torna-se muito importante o papel da alfabetização e do alfabetizador, como mediador de trocas intelectuais e emocionais, já que a sistematização da linguagem e de suas representações é um processo que auxilia a criança a dar sentido às próprias experiências, a fim de assimilar o mundo a sua volta e poder ganhar autonomia para construir-se cognitivamente e afetivamente.

Ao descrever e ao analisar o modo como as professoras alfabetizam, a autora prioriza e dá fulgor à importância que têm as emoções, os afetos e desafetos e os sentimentos em geral, na aquisição da linguagem e de outros conhecimentos. Preterir-los é contribuir para o

crescente e indesejável analfabetismo funcional; preteri-los é como desconsiderar o sentido da própria vida. É como se fosse impossível aprender a pensar, aprender a falar, a ler e a escrever, sem aprender a sentir, sem doar e receber, com transparência, as expressões dos sentimentos que subjazem na estrutura da formação e do desenvolvimento humano.

Conclui, então, que o aprimoramento psicológico do homem deve estar absolutamente atrelado ao processo de alfabetização, desde que encarado de modo prospectivo, ou seja, encarado para muito além do ato mecânico de decifração de código e para muito além do momento atual; e também se levar em consideração o "devir" ou o que está para acontecer na trajetória da vida individual e profissional do ser.

Conclui, ainda, que ao tomar conhecimento dos signos e dos símbolos para além de suas formas, o homem descobre o sentido de todas as coisas, o que só é possível quando o psiquismo humano emerge da vida orgânica para a vida afetiva e intelectual. Os aros

mediadores que convergem para esses dois eixos, os quais mesmo antagônicos se fundem e se completam, são as emoções. É como se o conhecimento, por meio da linguagem (cuja força expressiva é inquestionável), para realizar a plena alquimia, que é a transformação do homem natural em homem pessoal e social, passasse, indelevelmente, não só pela racionalidade e pela consciência, mas principalmente pelo coração.

Assim sendo, a obra de Cleomar Azevedo, na área da Psicologia e, principalmente da Psicopedagogia, é recomendada a todos os estudantes que, direta ou indiretamente, vão lidar com a Educação e a todos os professores que desejam transcender a mera profissão, para experimentar o privilégio de ser educador. A todos os que crêem que as emoções permeiam o processo de alfabetização, a fim de ampliar e aprimorar a própria crença, e aos que descrêem, para um exercício de reflexão que favoreça, cada vez mais, a idéia de que a reciprocidade afetiva entre alfabetizador e alfabetizando é imprescindível.